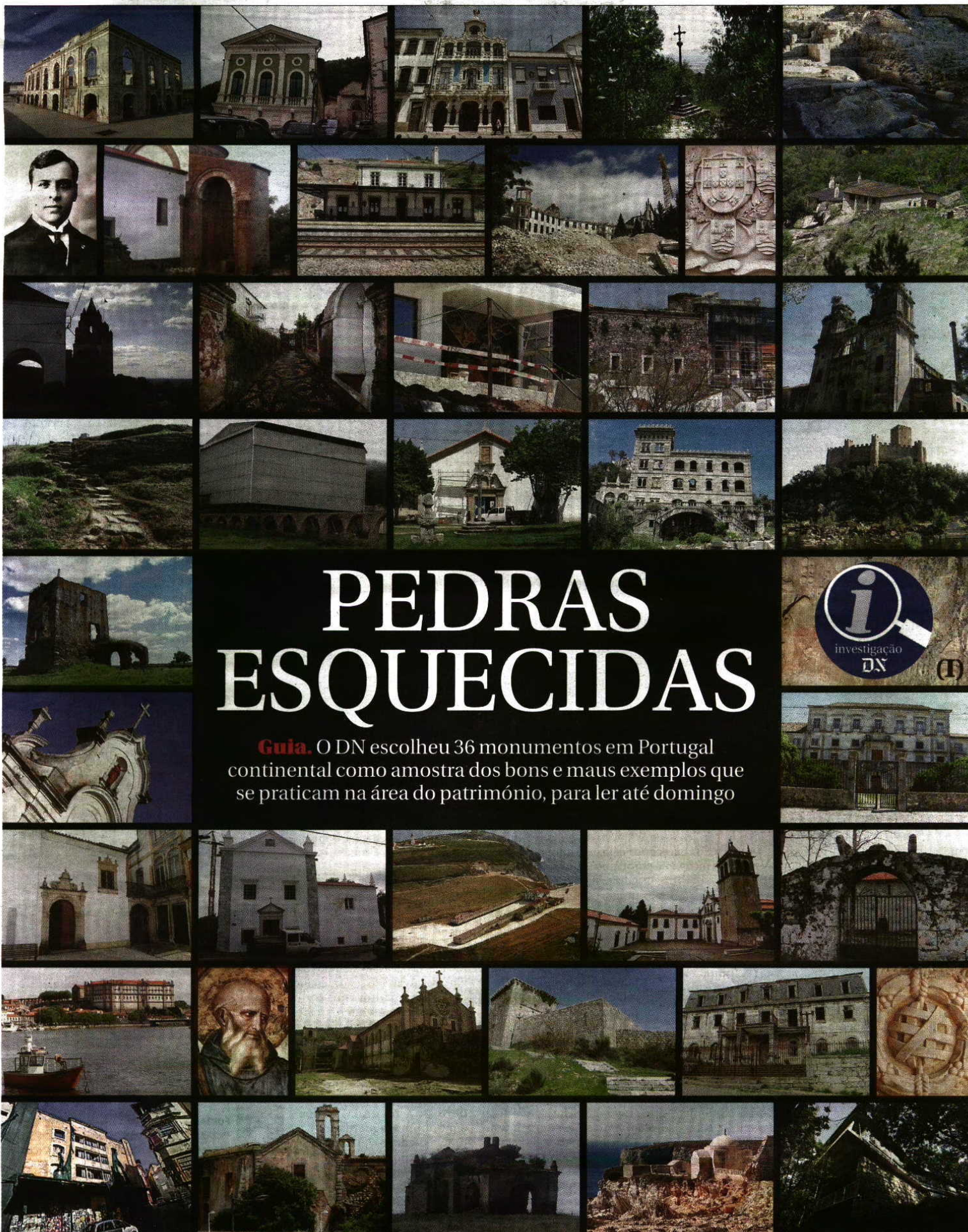




INVESTIGAÇÃO



PATRIMÓNIO
NACIONAL

Campos e Cunha,
ex-ministro, diz que
"o turismo vai ser um
dos poucos motores do
crescimento económico"

O Igespar tem
37 processos em vias de
classificação há mais de
duas décadas. Um deles
remonta mesmo a 1947

Castelos, conventos e capelas: há 3397 obras à espera de atenção

Memória. Falta de verbas e de um plano que permita rentabilizar o património no âmbito do turismo têm permitido que inúmeros monumentos de norte a sul do País estejam degradados ou à beira da derrocada. Técnicos e um ex-governante defendem que o turismo e o património deveriam andar de braço dado e funcionar como uma tábua de salvação para o crescimento da economia nos próximos tempos. Exemplos de boa pedra não faltam. Eis alguns...

MARIA DE LURDES VALE
e MARINA MARQUES

Se as pedras falassem...

Do Convento de São Francisco de Caria, perto da Vila da Rua, em Moimenta da Beira, já pouco resta. As ruínas deste convento franciscano que terá sido o primeiro da Congregação da Ordem Terceira Regular em Portugal, que serviu de inspiração a Aquilino Ribeiro para obras literárias como *A Via Sinuosa* ou *as Terras do Demo*, estão de pé e encontram-se do lado esquerdo de quem entra para a Quinta do Ribeiro, um local cujo encanto natural é de difícil descrição. Neste espaço, onde outrora coabitaram monges e fidalgos, existe hoje um Instituto de Formação e Educação Cooperativa que alberga centenas de estudantes de todo o País. Dos roteiros turísticos não consta. Merecia estar preservado, ser visitado e de, pelo menos, ter uma placa que indicasse a sua história.

A 30 quilómetros de Lisboa, num dos promontórios mais belos de Portugal, está o Santuário de Nossa Senhora do Cabo Espichel. O mar e o céu são ali mais turquesas que em qualquer outro lugar, mas as pedras que ali permanecem desde os séculos XIV e XVIII escurecem o cenário. Só a igreja, de estilo maneirista e barroco, e a pequena ermida que albergava a imagem da Senhora do Cabo, salvam a honra de um conjunto que foi palco de grandes manifestações culturais e religiosas. As pequenas casas das confrarias, que davam abrigo aos peregrinos, estão tapadas a cimento, a casa da ópera, mandada construir pela família real, é um mato de silvas cercado por pedras, a Casa da Água está destruída pelo tempo e por quem a preferiu roubar a preservar. O aqueduto, que abastecia de água todo aquele espaço nos tempos em que as peregrinações ao santuário ali congregavam 30 mil pessoas, mal se vê. Os buracos que exhibe albergam mochos e águias que neles pernoitam ou fazem os ninhos. Merecia mais.

Estes são dois exemplos das centenas de casos de monumentos esquecidos nas várias gavetas dos organismos responsáveis pela sua sobrevivência. Ao longo de anos e anos, os processos amontoam-se, ninguém lhes dá respostas, nem apresenta soluções. Enquanto isso, as pedras caem, a degradação impera e o País perde. Se o turismo e o património andassem de braço dado, Portugal tinha rotas e roteiros para oferecer aos milhões de turistas residentes e estrangeiros (cerca de 13,5 milhões) que anualmente pernoitam em alojamentos nacionais e para conquistar muitos mais. Esta é a opinião de técnicos e de ex-governantes. Luís Campos e Cunha, economista e ex-ministro das Finanças, que participou na passada semana

no debate "Políticas de Património Cultural" no Cinema São Jorge, em Lisboa, fez questão de assinalar que, "se as pessoas recordarem Portugal porque vieram cá visitar um bom museu ou um bom monumento, se calhar estão mais dispostas a comprar um *software*, um carro ou uns sapatos feitos no nosso país". Em sua opinião, "o turismo vai ser certamente um dos poucos motores que vamos ter para o crescimento nos próximos anos". E, frisou, "embora muitos agentes culturais tendam a ver a economia como um inimigo — erro gravíssimo — há alguns dirigentes que estão bem cientes de que devem fazer do património uma mais-valia para as suas regiões". Ao DN, Paula Silva, diretora regional de Cultura do Norte, também não o negou: "O património no território é uma componente essencial para o aumento do Turismo, principalmente em territórios mais desertificados."

Há 650 processos em vias de classificação nas cinco direcções regionais de Cultura

O DN escolheu 36 monumentos em Portugal continental como amostra dos bons e maus exemplos que se praticam na área do património. Este "Guia das Pedras Esquecidas" é um contributo para a visibilidade de que estas obras merecem, um manual contra o esquecimento e a favor da valorização da memória.

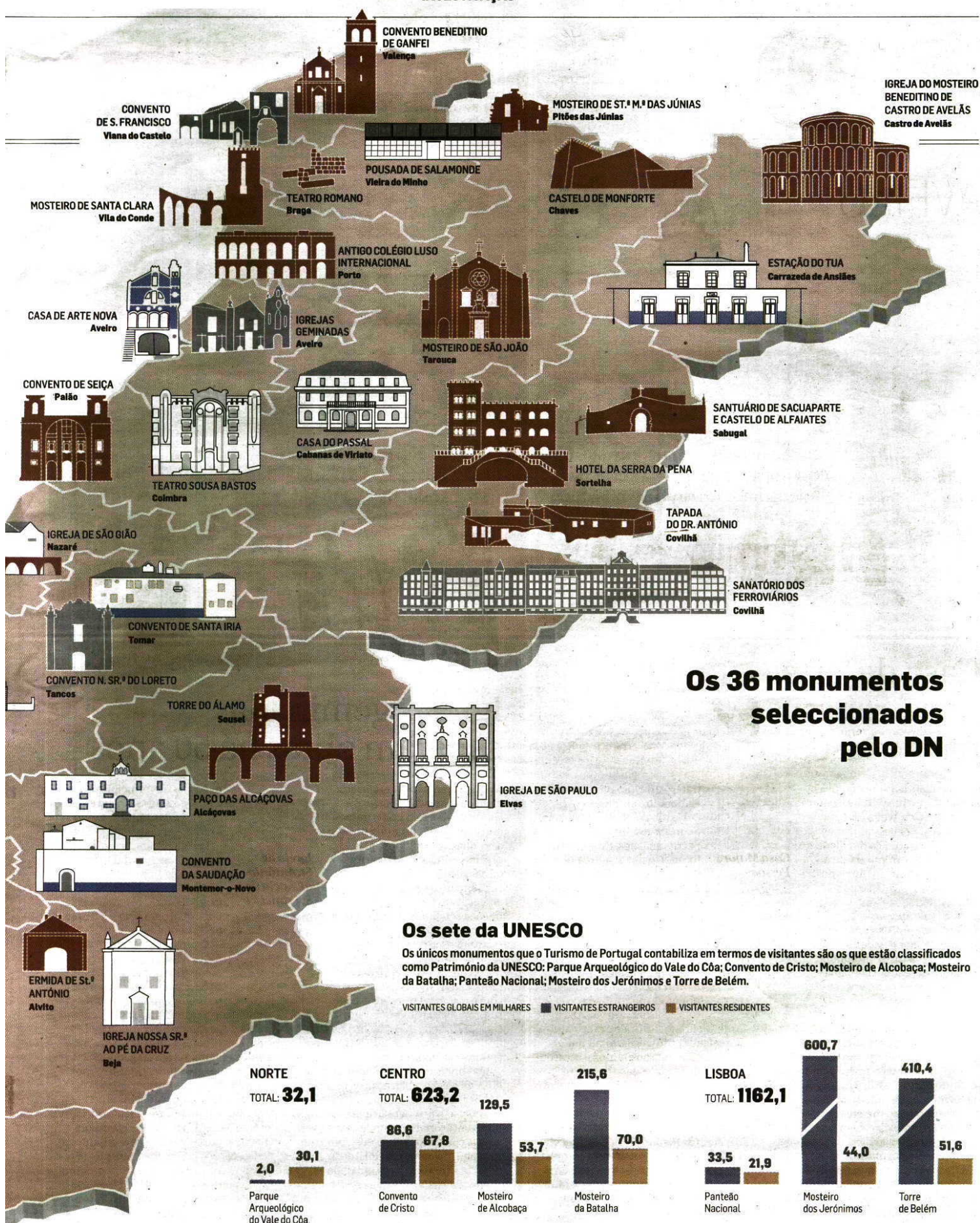
Por classificar há décadas

Os números são reveladores do imenso património que existe no País e que se encontra "esquecido" devido à falta de verbas e de conjugação entre quem o tutela, o Igespar, e as entidades que também querem ter uma palavra a dizer (autarquias e direcções regionais de cultura): são 3397 obras em pedra entre capelas, castelos, conventos, mosteiros, teatros e outros tantos exemplares que clamam por atenção e preservação. Destes, há 791 monumentos classificados como nacionais, 2152 como imóveis de interesse público e 454 imóveis de interesse municipal que se encontram degradados ou à beira da derrocada. Já para não falar dos 650 processos em vias de classificação nas cinco direcções regionais de cultura que se dividem pelo País. Se de mais números fosse necessário falar e que são indicadores da incúria a que o património é votado em Portugal bastaria lembrar que 37 destes processos estão em vias de classificação há mais de duas décadas. Um caso ainda mais flagrante: a Capela de Nossa Senhora da Vitória, em Coimbra, aguarda "carimbo" desde 1947. Trata-se de um conjunto com características de arquitectura gótica e barroca, construído em 1367 e que, acredite-se ou não, funciona desde 2003 como casa de fados.





INVESTIGAÇÃO





PATRIMÓNIO



Curiosidades distrito a distrito

DUNAS DE SÃO JACINTO

É uma reserva natural que se estende entre o mar e a ria de Aveiro com uma vegetação surpreendente e uma mata centenária. Os passeios pedestres permitem a observação das aves migratórias e de outras espécies que escolheram este paraíso para *habitat* natural.



AVEIRO



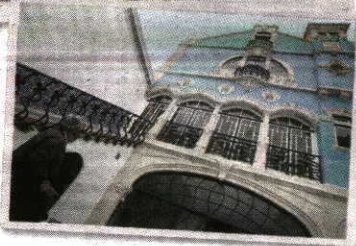
LOCALIZAÇÃO
Capital do distrito
de Aveiro

FESTAS
Santa Joana Princesa
(12 de Maio)

GASTRONOMIA
Enguias de caldeirada,
ovos-moles

RESTAURANTES
Salpoente, Telheiro,
Mama Rosa

PONTOS DE INTERESSE
Ecomuseu Marinha
da Tronçalhada



Casa de 'arte nova' renasce para museu

Quando reabrir ao público, ficará cumprida a missão que levou o município de Aveiro a recuperar a casa Major Pessoa, o mais emblemático edifício da cidade inspirado na corrente artística que floresceu entre os finais do século XIX e o princípio do século XX, período reconhecido como a *Belle Époque*.

Adquirida em 2004 aos herdeiros do Major Pessoa, foi alvo durante três anos de profundos trabalhos de reabilitação, adaptação e restauro para servir como pólo museológico num investimento de 1,5 milhões de euros. O desenho da construção original (1904/1909) saiu da mão do "mestre" Francisco Augusto da Silva Rocha. Posteriormente veio a classificação pelo Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAT), em Março de 1996, a par de outros exemplares de interesse "arte nova" que existem em Aveiro, num autêntico museu do património ao ar livre, no centro da cidade.

A Casa Major Pessoa surpreende logo pela decoração da cantaria e ferraria da fachada. Mário Sarabando Dias, arquitecto que orientou o restauro, considera

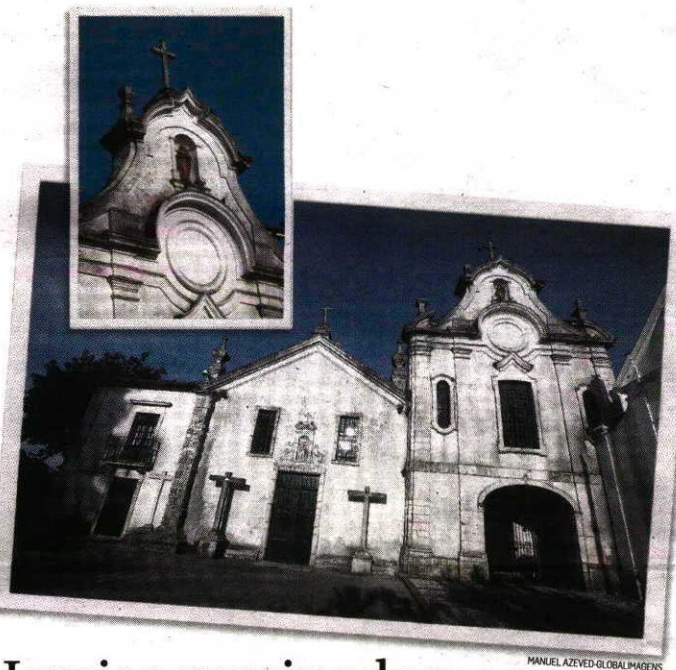
Casa Major Pessoa
Século XX.
Estilo 'arte nova'.
Classificada como imóvel de interesse público desde Março de 1996

tratar-se de "um projecto muito elaborado e erudito".

No rés-de-chão sobressaem as portas restauradas e os painéis de azulejos. Esta é, de resto, uma marca muito característica da "arte nova" aveirense, com assinatura de reputados ceramistas locais, como Carlos Branco e Licínio Pinto, da fábrica Fonte Nova e de Jorge Colaço, num conjunto que "se expõe a si mesmo" para gáudio de quem ali usufruir do futuro salão de chá. O pátio das traseiras, orientado para a Praça do Peixe, permite descobrir outra fachada não de menor primor artístico e uma requintada calçada portuguesa, totalmente recuperada. De volta ao interior, o acesso ao andar superior (espaço de exposições) é feito por uma escada em caracol de ferro trabalhado.

O museu deverá abrir portas até ao final deste ano, tornando-se no segundo do género da Península Ibérica, e receberá a colaboração do seu congénere de Salamanca, o Museu de Art Nouveau y Art Déco. Enquanto o museu não abre, a casa, já recuperada, pode ser visitada.

JÚLIO ALMEIDA



Igrejas geminadas esperam obras há 50 anos

As igrejas geminadas, assim conhecidas em Aveiro, pareciam condenadas à ruína. Só o trabalho de alguns voluntários, anos a fio, quase esquecidos pelos poderes públicos, impediu que tal chegasse mesmo a acontecer. Temeu-se o pior. Tectos que ameaçavam cair devido a infiltrações, retábulos de talha dourada praticamente a ceder, arte sacra em risco de destruição e azulejos antigos presos nas paredes com fita-cola era o panorama. Os encargos elevados com o restauro levaram a diocese, proprietária dos imóveis, a não avançar, por si só com os trabalhos. Os sinais de degradação, sobretudo no interior, continuam ainda bem patentes, mas algumas obras urgentes feitas pela autarquia, graças à mobilização da opinião pública, evitaram o pior.

Perspectiva-se agora, finalmente, a intervenção mais profunda para salvar aquele conjunto classificado como monumento nacional em 2002, na freguesia da Glória, junto ao parque da cidade.

A reconversão da capela para núcleo museológico de arte sacra é uma das propostas em cima da mesa. Os dois imóveis

Igreja de St. António e Capela de S. Francisco
Século XVI.
A capela irá abrigar um núcleo museológico de arte sacra

religiosos dos princípios do século XVII, onde se inclui a igreja do antigo convento de Santo António (actualmente ocupado pela Polícia Judiciária) e a capela de S. Francisco da Ordem Terceira figuram entre os projectos a beneficiar de verbas da candidatura apresentada pela autarquia para criar o "Parque da Sustentabilidade".

O programa, já aprovado, garante cerca de 788 mil euros de comparticipação para o projecto de restauro que deverá ultrapassar um milhão de euros.

A edilidade tem em marcha o concurso público e, segundo fonte municipal, "se tudo correr bem, dentro de quatro meses começa a obra". As igrejas geminadas foram alvo de um estudo "exaustivo" por parte de uma equipa especializada da Universidade Católica a pedido da ADERAV – Associação de Defesa do Património da Região de Aveiro. E, embora o diagnóstico das patologias seja muito extenso, os técnicos concluíram que "não só é possível recuperar o conjunto como vale a pena esse investimento", contou Luís Souto, ex-presidente da ADERAV.

JÚLIO ALMEIDA

INVESTIGAÇÃO

PALÁCIO ÁGUA DE PEIXES

Trata-se de um bonito edifício medieval, datado do século XII, que está situado a seis quilómetros de Alvão (Beja). Distribuído por dois largos pisos, tem um pátio central em forma de claustro e um jardim. No meio, um tanque com 50 metros que era uma antiga piscina.

2008

foi o ano em que a diocese e a Câmara de Beja constituíram a Associação Portas do Território para salvaguarda do património



POUSADA DE SÃO FRANCISCO

Exemplo do aproveitamento de um antigo convento franciscano do século XIII, em pleno centro histórico da cidade de Beja, para um hotel histórico de luxo. A gastronomia regional e a memória do monumento atraem mensalmente centenas de visitantes e de hóspedes.

BEJA



LOCALIZAÇÃO
Capital do distrito
de Beja

FESTAS
da Cidade
(de 15 a 21 de Maio)

GASTRONOMIA
Açorda, migas com
entrecosto, queijos

RESTAURANTES
Pulo do Lobo,
Os Infantes

PONTOS DE INTERESSE
Castelo de Alvão

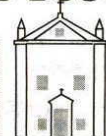


Uma jóia do barroco em obras de restauro

Os andaimes erguidos no interior do templo garantem que o pior já terá passado. Depois de anos e anos de abandono, a Igreja de Nossa Senhora do Pé da Cruz, considerada uma "jóia" do barroco português, está finalmente a ser objecto de obras de restauro destinadas a salvar um património ímpar da arquitectura religiosa do País. A igreja já existia em 1499. É um templo em que, segundo o Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico (Igespar), a sobriedade exterior ao nível dos alçados e estrutura "contrasta fortemente" com a exuberância do interior, onde se conjugam pintura, azulejaria e talha.

Depois da "invernada" de 2010, a pintura mural do tecto da Sala do Consistório da igreja começou a cair. Era neste local que se reunia a Irmandade de Ao Pé da Cruz. Mas as infiltrações de água acabaram por ameaçar um conjunto pictórico que José António Falcão, director do Departamento do Património Histórico da Diocese de Beja, classifica como de uma "notabilíssima qualidade plástica".

"[Este tipo de] pinturas existiu em



Igreja de N.ª Sr.ª do Pé da Cruz

Sécs. XV-XVIII.
Estilo barroco.
Sobriedade exterior contrasta com a exuberância do interior

muitas igrejas, mas neste caso chegou praticamente intacto aos nossos dias e está a morrer-nos nas mãos", advertiu.

"Os silhares de azulejos policromos que revestem a nave remontam ao último quartel do século XVII, e articulam-se, no registo superior, com as pinturas a óleo sobre tela que representam temas da Paixão de Cristo." Trata-se de uma obra do mestre eborense Francisco Nunes Varela que correu sério risco de se perder.

Intervencionada há cerca de 20 anos, na altura a cobertura não foi recuperada de forma a evitar a infiltração de água. Em 2008, a Câmara e a Diocese de Beja constituíram a Associação Portas do Território, para salvaguardar o património religioso da cidade e uma das prioridades foi esta igreja. Em 2010, o Presidente da República visitou o local e propôs uma reflexão "sobre as pontes a estabelecer entre o património religioso e o papel do empreendedorismo jovem, tendo como pano de fundo a salvaguarda de um dos mais belos monumentos religiosos de Beja, em risco de ruína".

LUÍS MANETA

Ermida abandonada há mais de cem anos

Apenas alguns vestígios de pinturas a fresco datadas do século XVI na capela-mor e na abóbada resistiram ao abandono a que a Ermida de Santo António, junto a Vila Nova de Baronia, foi deixada há mais de cem anos — já em 1898 mostrava sinais de degradação. Salvaram-se dois frontais de azulejos seiscentistas, um deles representando Santo António a pregar aos peixes, retirados por motivos de segurança para a igreja matriz da terra.

"Era miúdo e lembro-me de levarem os azulejos para a matriz. Tenho 54 anos e sempre conheci a ermida neste estado de ruína. É uma pena", diz o presidente da Junta de Freguesia de Vila Nova da Baronia, Joaquim Santos. "Acho que nunca houve vontade para recuperar o que ali está e na situação actual não é nada fácil, pois não há dinheiro e, pelo que sei, é património privado."

O próprio autarca confessa que "nunca" entrou no interior da igreja, fundada no século XVI. Se o tivesse feito, pouco mais poderia ver do que restos de pintura mural, onde se destaca um fresco no presbitério representando anjos músicos.



Ermida de Santo António

Século XVI.
Sem portas nem janelas, restam vestígios de pinturas a fresco do século XVI

Tudo o resto é ruína: não há portas nem janelas, as pedras resultantes de desmoronamentos rodeiam todo o edifício e algumas fissuras nas paredes indicam a possibilidade de virem a ocorrer novas derrocadas.

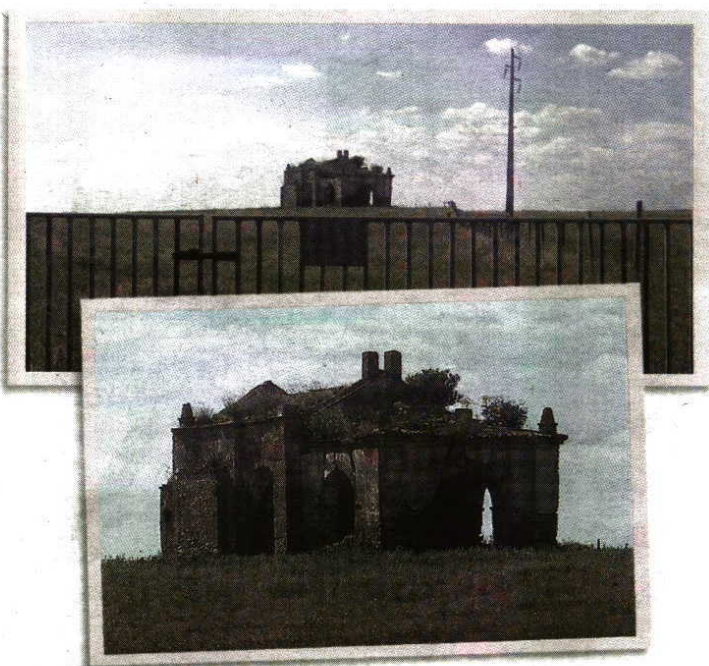
Ao longo dos anos até surgiram várias intenções de restauro, que, no entanto, nunca se concretizaram. Pragmático, Joaquim Santos reconhece que, por agora, a maior preocupação da junta de freguesia é "evitar" que uma outra igreja vá pelo mesmo caminho: "A Ermi-

da de São Neutel, onde todos os anos se realiza uma festa, está a precisar de algumas obras."

Trata-se de um edifício do século XVI, em grande parte envolvido pelo casario que estava reservado ao ermitão e por uma hospedaria aos peregrinos que ali se deslocavam em romaria.

Sede de concelho até 1836, Vila Nova da Baronia tem ainda mais duas ermidas: São Pedro (bastante arruinada) e Nossa Senhora da Conceição, templo do século XVII classificado como imóvel de interesse público.

LUÍS MANETA





PATRIMÓNIO



BRACARA AUGUSTA

De 26 a 29 de Maio realiza-se a VIII edição do Braga Romana, uma iniciativa que pretende reviver o passado em Bracara Augusta. O centro da cidade vai ter um mercado romano e será palco de simulações bélicas, malabarismos, interpretações dramáticas e danças da época.

BRAGA



LOCALIZAÇÃO
Capital do distrito
de Braga

FESTAS
São João (23 e 24
de Junho)

GASTRONOMIA
Caldo-verde, bacalhau
à nargisa, cavacas

RESTAURANTES
Abadia, Dona Julia,
O Alexandre

PONTOS DE INTERESSE
Termas Romanas
do Alto da Cidade



PAULO JORGE MAGALHÃES/GLOBAL IMAGENS

Escavações paradas por falta de financiamento

A presidente da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho (UAUM), Manuela Martins, lamenta "a falta de interesse" e de financiamento por parte das entidades competentes para continuar as escavações do único teatro romano do Noroeste Peninsular e o segundo identificado em Portugal. Mas a Direcção Regional de Cultura do Norte (DRCN) diz-se "empenhada em encontrar meios financeiros para avançar com projecto de investigação e conservação deste património". Em cima da mesa está a possível candidatura a fundos comunitários.

Manuela Martins diz que, ao contrário do teatro romano de Lisboa, o monumento de Bracara Augusta, descoberto junto às termas romanas, em zona classificada como imóvel de interesse público, "tem a possibilidade de ser todo escavado". Mas é preciso "um forte investimento financeiro que só a Câmara de Braga, a DRCN ou o Igespar podem conseguir". Diz que "são precisos trabalhos de conservação e restauro", e de adaptação à realização de espectáculos.

As primeiras escavações, financiadas



Teatro romano

Século II.
Único teatro romano no Noroeste peninsular, com possibilidade de ser todo escavado

em 50 mil euros pelo Ministério da Cultura, puseram a descoberto, entre 2004 e 2007, parte das bancadas do teatro (*cavea*), da orquestra e do local onde os actores representavam (*scaena*).

Desde então, Manuela Martins tem avançado, sem apoio financeiro, com escavações pontuais com os alunos do curso de Arqueologia da Universidade do Minho, onde é professora.

A própria DRCN já "manifestou, junto da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento da Região Norte, a importância de serem reunidas condições de financiamento". Defende que "o avanço do projecto seja efectuado de forma definitiva com os meios adequados à sua execução e conclusão". Mas sugere que, "face ao valor patrimonial de excepção do teatro arqueológico", seja elaborado "um projecto multidisciplinar que tenha em consideração a vertente científica, conservação e valorização do conjunto arqueológico". O que já foi proposto pela UAUM. Garante ainda que "não há ameaça ou factor de degradação imediata pendente" sobre o monumento.

SUSANA PINHEIRO

Só uma das 'pousadas EDP' do Cávado funciona

Ainda há quem se recorde da azáfama e das gentes que, a partir dos anos 50, pernoitavam nas "pousadas EDP", na região do Cávado, durante a construção das barragens. Hoje já não é bem assim, com excepção da Pousada do Alto Rabagão, que a EDP recuperou para alojamento de colaboradores e realização de seminários internos. A de Salomonde está por recuperar depois de vendida a privados, a de Vila Nova encontra-se em processo de venda e a de S. Bento vai ser entregue à Câmara de Terras do Bouro.

Projectadas pelo arquitecto Januário Godinho, as chamadas "pousadas EDP", do sistema do Cávado, são consideradas um património a preservar pelas populações do distrito. Com as albufeiras como paisagem de fundo, foram construídas no pós-guerra, em bairros também edificadas para alojar os trabalhadores dos empreendimentos hidroeléctricos. Muitas das pousadas estão desactivadas e a precisar de recuperação, como a de Salomonde. O presidente da junta de freguesia, Domingues Cerqueira, lamenta que a Câmara de Vieira do Minho não te-



Pousadas do Cávado

Século XX.
Projectadas pelo arquitecto Januário Godinho.
Só a do Alto Rabagão está a funcionar

nha adquirido a pousada e todo o bairro para turismo. Desde os anos 90 que são propriedade do Principado de Salomonde, que recuperou as mais de 30 casas, piscina, campo de futebol e parque infantil para os sócios passarem férias. Um deles é dono da pousada cuja recuperação e possível utilização ainda está em estudo, segundo explicou ao DN um dos administradores, Amadeu Carvalho. A Pousada de S. Bento, que a EDP designa de Caniçada, "vai ser entregue ao município de

Terras do Bouro, no âmbito das cedências associadas ao plano de pormenor desenvolvido para a área do respectivo bairro". A Pousada de Piões da Serra, denominada do Alto Rabagão pela EDP, em Montalegre, foi recuperada, "estando a ser explorada pela EDP Produção para alojamento de colaboradores e realização de seminários internos". Até ao final do ano, a EDP terá concluído um estudo para conservar e usar "outros activos com potencial turístico", situados em diversas albufeiras do País, de que é proprietária.

SUSANA PINHEIRO

INVESTIGAÇÃO

CENTRO DE ARTE GRAÇA MORAIS

Solar do século XVII, situado em pleno centro histórico da cidade de Bragança, adquirido pela autarquia ao Banco de Portugal quando já estava em avançado estado de degradação. Souto Moura fez o projecto e a pintora Graça Morais deu-lhe nome e obras. Um bom exemplo.

17 317

turistas visitaram Bragança em 2009, segundo dados da autarquia. Espanhóis e franceses encabeçam lista



O DOURO VINHATEIRO

Dizem os guias de todo o mundo que o Alto Douro Vinhateiro é a mais antiga região demarcada e também uma das mais belas de percorrer. Trata-se de uma paisagem única, em que o Douro é o actor principal, e que a UNESCO incluiu na lista do Património da Humanidade.

BRAGANÇA



LOCALIZAÇÃO
Capital do distrito
de Bragança

FESTAS
Sr.ª da Guia (27 de
Junho em Tua)

GASTRONOMIA
Javalí, perdiz, coelho
e peixinhos do rio

RESTAURANTES
Calça Curta (na Foz
do Tua)

PONTOS DE INTERESSE
Tanoaria em Mogo
de Ansiães



16 quilómetros da Linha do Tua vão ser submersos

Um caso emblemático de rapidez na apreciação de um pedido de classificação por parte do Igespar. Em Março de 2010, um grupo de cidadãos entregou o pedido de abertura de classificação da Linha Ferroviária do Tua como Património de Interesse Nacional, perante a iminente ameaça de parte da linha ficar submersa com a construção da Barragem da Foz do Tua, pela EDP. Para além de Manuela Cunha, do partido Os Verdes, primeira signatária do documento e que relembra ao DN todos os passos, integrava ainda o grupo o professor Lopes Cordeiro, representante da UNESCO em Portugal para o património ferroviário e industrial, entre muitas outras personalidades.

Em Setembro, sai no *Diário da República* o anúncio de abertura do procedimento de classificação, tornando público o despacho de abertura do processo que datava de Junho. Dois meses após a publicação em *Diário da República*, a 4 de Novembro o mesmo órgão publica o anúncio do arquivamento, decisão tomada pela secção do Património Arquitectónico e Arqueológico do Conselho Nacio-



Linha do Tua

Começou a ser construída em 1884. Fechada há dois anos após 4 acidentes com 4 vítimas mortais

nal de Cultura, "em sessão de 3 de Novembro", ou seja, na véspera. "A apreciação foi tão rápida que os interessados [quem pediu a classificação] nem foram ouvidos em conferência de interessados, um dos procedimentos que têm de ser observados nestes processos", explica Manuela Cunha. Por considerarem que houve irregularidades no processo, o grupo de cidadãos decidiu pôr uma acção em tribunal. Mas, como a justiça nunca é célere, enquanto a acção principal está em curso, de-

cidem avançar com uma providência cautelar que deu entrada a 23 de Novembro no Tribunal Administrativo do Porto, tendo sido enviado para Mirandela, onde deu entrada a 17 de Fevereiro último. Quase três meses depois, ainda não houve qualquer resposta. Para além de o grupo se manter atento, em Mirandela o Movimento de Cidadãos pela Linha do Tua, pela voz de Daniel Conde, avança que vão aproveitar a presença dos políticos na região durante a campanha eleitoral para fazerem ouvir o seu descontentamento face ao encerramento da linha.

MARINA MARQUES

Chove numa das mais originais igrejas nacionais

"O Igespar diz ter gasto aqui cerca de 300 mil euros, 250 dos quais compartilhados por fundos comunitários, mas francamente não percebemos onde foi gasto o dinheiro", lamenta o presidente da Junta de Freguesia de Castro de Avelãs, José Fernandes, em relação à intervenção daquele organismo na recuperação do monumento nacional desde 1910, iniciada em Janeiro 2007 e que terminou três meses depois.

A mesma pergunta coloca Elisa Fernandes, 69 anos, zeladora do mosteiro há mais de 40 anos. "Não puseram um telhado novo, como se impunha, e por isso passo os invernos a colocar baldes e bacias para apara a água, e as paredes já estão rachadas devido às infiltrações". "Puseram a descoberto as ruínas do antigo convento, mas não as preservaram", argumenta Ana Costa, 70 anos. "Ficaram estes anos ao vento, sol e chuva e agora são mesmo ruínas, as ervas crescem e somos nós que as temos de cortar os tijolos dos muros estão a desfazer-se, mas os de Lisboa nada querem saber", acusa. "Mais valia continuarem debaixo de terra", adianta o presidente da junta.



Igreja de Castro de Avelãs

Século XII. Estilo românico. Classificado monumento nacional em 1910

Maria Júlia, de 69 anos, vai mais longe: "Onde estão os achados que encontraram, moedas, loiças e outros materiais? Disseram que os levavam para limpar e que depois fariam uma reunião com o povo para nos darem conhecimento dos achados, mas já lá vão perto de quatro anos e nada." Pelo contrário, a população de Castro de Avelãs enaltece a intervenção da Câmara de Bragança, da Junta de Freguesia e da Comissão Fabriqueira que recuperaram a casa paroquial e a torre

sineira, obras que custaram 50 mil euros.

A população continua à espera que o Igespar promova de vez a recuperação e conservação do monumento que coloca a aldeia nos roteiros dos monumentos mais belos do País. De planta semicircular de dois tramos, a capela-mor e os absídeos são uma obra única na nossa arte românica, fazendo desde um edifício sem par na arquitectura nacional. Ao contrário do que foi comum no Portugal medieval, o material empregado foi o tijolo, matéria de muito menor custo que a pedra, e que acentua a sua originalidade. JOSÉ ANTÓNIO CARDOSO





PATRIMÓNIO



CASTELOS E ALDEIAS HISTÓRICAS

Com os seus castelos e antigos centros urbanos, Almeida, Belmonte, Castelo Mendo, Castelo Novo, Castelo Rodrigo, Idanha-a-Velha, Linhares da Beira, Marialva, Monsanto, Sortelha e Trancoso fazem parte da oferta turística desta região. O difícil é escolher qual visitar.



C. BRANCO



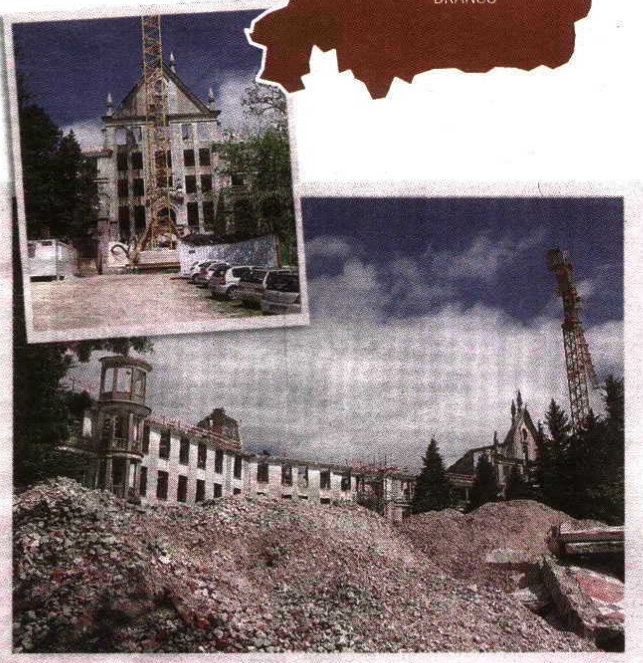
LOCALIZAÇÃO
Distrito de Castelo
Branco

FESTAS
Nossa Senhora
do Alto dos Céus

GASTRONOMIA
Empadas de Castelo
Branco

RESTAURANTES
Praça Velha, Muralla,
Lanterna

PONTOS DE INTERESSE
Museu Cargaleiro



Antigo sanatório reabre portas no Verão de 2012

Saindo do centro da Covilhã em direcção às Penhas da Saúde, pela EN220, é impossível passar pelo antigo Sanatório dos Ferrovários sem dar por ele. Apesar das curvas e contracurvas, as gruas gigantes avisam do bulício que desde Fevereiro se vive no local. Treze anos após a compra do imóvel pela Enatur, as obras para transformar o Sanatório projectado pelo arquitecto Cottinelli Telmo (1897-1948) arrancaram finalmente. E se tudo correr bem, "antes das férias grandes de 2012" já estará a funcionar, avançou ao DN Rui Mota, presidente da Enatur. Mandado construir pelos Caminhos-de-Ferro para acolher os funcionários com tuberculose, foi vendido à Enatur em 1998 pelo preço simbólico de 1 escudo. Em contrapartida, a empresa comprometeu-se a instalar ali uma Pousada de Portugal, voltando a dar utilidade ao sanatório que após o 25 de Abril de 1974 serviu de residência a cerca de 700 retornados. Começado a construir em 1928, ficou concluído oito anos mais tarde, tendo permanecido fechado durante igual período, vindo depois a ser arren-



Sanatório dos Ferrovários

Século XX.
Está a ser recuperado segundo um projecto do arquitecto Souto de Moura

dado à Sociedade Portuguesa de Sanatórios com a condição de receber todos os doentes necessitados de tratamento em altitude. Inaugurado a 11 de Novembro de 1944, os novos tratamentos para a tuberculose ditaram o encerramento em Junho de 1969.

Com a venda à Enatur, tudo parecia encaminhado para que o velho edifício voltasse a ser utilizado, apesar do seu adiantado estado de degradação. Em 2000, Souto de Moura foi escolhido como o arquitecto que daria novo risco ao interior do edifício, com fachada em V aberto ao quadrante sul – só a vista funciona como bálsamo para qualquer maleita. Mas foi preciso esperar até 2009 para a Enatur, já com o Grupo Pestana como accionista, se voltar a interessar pelo projecto. A pousada, que vai ter 90 quartos, vai criar mais de 50 postos de trabalho e representa um investimento de 19,5 milhões de euros. A intervenção, que inclui a zona envolvente, é apoiada em cerca de 70% pelo Programa Operacional Temático de Valorização do Território, no âmbito do QREN. MARINA MARQUES



'Casas da Serra' envoltas em processo digno de Kafka

Quando, em 2006, Luís Alçada Baptista viu aprovada a Declaração de Impacte Ambiental que autorizava a Câmara da Covilhã a construir a Barragem da Ribeira das Cortes no local onde se situa a casa modernista traçada pelo seu pai e o sistema hidráulico de rega que o avô construiu no século XIX, decidiu que não podia ficar sem aquele património da família. Que tinha de fazer tudo o que pudesse para evitar que ficasse tudo submerso pelo lago da barragem. Analisado o estudo de impacto ambiental, o filho do arquitecto Luiz Alçada Baptista reuniu-se com a Agência Portuguesa do Ambiente para mostrar que o estudo "é um total embuste". E justifica: "As fotografias apresentadas da opção de localização A e B são as mesmas, mostrando apenas a opção B, umas centenas de metros mais abaixo, já no vale, no local que estava previsto desde os anos 50, e ao qual a família não se opõe." Mas não é só. Sobre o valor das casas, o estudo considera que são "habitações descaracterizadas". Ora, estamos na presença de um dos três casos conhecidos em Portugal em que foi aplicado um



Tapada do Dr. António

Sécs. XIX/XX.
Sistema hidráulico de rega.
Casa modernista do arquitecto L. Alçada Baptista

princípio ensaiado pelo arquitecto Frank Lloyd Wright: a casa tem apenas ângulos de 60 e 120 graus, sendo o exemplo mais puro desse modelo. E sobre o sistema hidráulico, diz ser dos anos 1970 e para lazer. Sobre o facto de José Cardoso Pires aqui ter escrito *O Delfim* e António Alçada Baptista *Peregrinação Interior*, nem uma linha. Ou ainda sobre o facto aqui se ter reunido a geração da revista *O Tempo e o Modo*. Ou mesmo por ter sido local de transumância e Portugal não ter qualquer sítio relacionado com esta actividade classificado e protegido. Tudo argumentos utilizados no pedido de classificação entregue no Igespar em 2008, e reconhecidos pelos técnicos, mas que em Janeiro de 2010 culminou num parecer negativo, enviando a responsabilidade da classificação para a autarquia, a entidade que assumiu numa carta ter "desenvolvidos todos os esforços" para evitar a classificação. Impossível relatar aqui todos os passos do processo, foi também impossível obter uma resposta do presidente da câmara Carlos Pinho. MARINA MARQUES

INVESTIGAÇÃO



À CAPELLA

Desde Julho de 2003 que a Capela de Nossa Senhora da Vitória, em Coimbra, é um bar e uma casa de fado de Coimbra. "Estava a ser utilizada como armazém de móveis", lembra António Ataíde, um dos músicos que fundaram o espaço. A recuperação custou mais de 250 mil euros.



A COIMBRA DE EÇA

E se a UNESCO tem os olhos na Alta, há outros encantos em Coimbra. Num roteiro alternativo, o turista pode-se deixar seduzir pelo "canto" (do Jardim) da Sereia e subir até Celas, passeando pela zona e imaginando em qual das casas se terá Eça inspirado para "atribuir" a Carlos da Maia.

COIMBRA

Figueira da Foz

Coimbra

COIMBRA

LOCALIZAÇÃO
Distrito de CoimbraFESTAS
Em Julho, da Rainha Santa IsabelGASTRONOMIA
Perdiz frita à moda de CoimbraRESTAURANTES
A Taberna, Mimo, Quim dos OssosPONTOS DE INTERESSE
Ruínas de Conimbriga

Sala emblemática continua sem solução à vista

No coração do centro histórico de Coimbra, o Teatro Sousa Bastos é uma verdadeira mancha na Rua Joaquim António de Aguiar. Na zona mais antiga da cidade, perto da Sé Velha, o edifício encontra-se num adiantado estado de degradação, entapado e em parte recoberto por tapumes.

Fundado em 1914, abriu as portas com a opereta *A Rainha das Rosas*, além de palco de espectáculos, foi também ponto de encontro de estudantes e intelectuais (numa altura em que não havia ainda o Teatro Académico Gil Vicente), local de palestras animadas de que é exemplo a *Semana da Seara Nova* (1926). Ao longo das décadas foi sendo um teatro onde actuaram grandes companhias, cinema para famílias, sala de filmes de kung-fu e até porno, acabando por fechar. No início dos anos 80, numa operação que tentou mobilizar a cidade, ainda reabriu, com o espectáculo *FMI* de José Mário Branco e programação da companhia de teatro Bonifrates. Anos mais tarde, voltaria a fechar. Propriedade de um particular, a câmara adianta que teria todo o interesse em re-

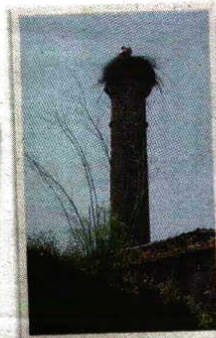


Teatro Sousa Bastos

Século XX. Situado no centro histórico, encontra-se em adiantado estado de degradação

solver a situação. Mas os anos vão passando e apesar dos vários movimentos da sociedade civil que nas últimas décadas alertaram para o problema, o certo é que ainda não foi encontrada uma solução que garanta a recuperação deste espaço. "Apesar de o teatro ser propriedade particular e de o anterior executivo ter estabelecido contacto com o proprietário, não foi possível chegar a uma solução adequada para o espaço", explicou ao DN Maria José Azevedo Santos, vereadora

da Cultura. A situação é tanto mais peculiar porque o imóvel se situa numa área em que o Plano Director Municipal vigente atribui o Grau de Protecção 1, ou seja, o grau máximo de protecção no que se refere ao património histórico e arqueológico. Em Fevereiro de 2009 chegou a ser aprovado em reunião de câmara um projecto que previa a conversão do espaço numa residência aberta a pensar sobretudo em estudantes (a universidade fica a dois passos e, ao lado, fica a República Prá-Kys-Tão) e turistas, mas a proposta acabou por não sair do papel. MARINA MARQUES



Investimento de 226 mil euros por rentabilizar

O ninho de cegonhas, no topo da cúpula bulbosa da torre do lado esquerdo, dá às ruínas do Mosteiro de Santa Maria de Seica o toque que as tornariam irresistíveis a qualquer pintor do Romantismo. E se o chilrear incessante potencia o sonho, o barulho dos tractores que trabalham as férteis terras envolventes traz-nos de regresso à dura realidade: um mosteiro fundado no século XII, profundamente alterado no século XVIII, que ameaça ruir a qualquer momento.

Após a extinção das ordens religiosas (1834), foi vendido a particulares. "Em 1911 foi comprado pelo pai do meu sogro [Joaquim dos Santos Carriço], na altura emigrado no Brasil, que nem sabia que estava a comprar um convento", conta ao DN Maria Rosa Anttonen que para além de ter criado um blogue sobre o mosteiro, quer criar uma associação de defesa do imóvel. "Entre 1917 e 1976, esteve aí instalada uma fábrica de descasque de arroz, que fechou após a morte do filho do fundador, Aníbal dos Santos Carriço", relembra.

Em 2004 foi adquirido pela Câmara Mu-



Mosteiro de Santa Maria de Seica

Sécs. XII/XVIII. Estilo barroco. Ordem beneditina. Em ruína

nicipal da Figueira da Foz, por 226 mil euros, datando o contrato de promessa de compra e venda de 2000, altura em que o município era liderado por Pedro Santana Lopes. "Na altura em que foi adquirido, a ideia era efectuar a recuperação e ser convertido em hotel ou pousada, tendo havido contactos com a Enatur e com outras empresas do ramo que se mostraram interessadas", refere Nuno Maurício, chefe de gabinete do actual presidente, João Ataíde das Neves. O projecto não vingou e a proximidade da linha férrea, agora desactivada, foi um dos obstáculos. O mesmo responsável adianta que "o município tem em estudo algumas alternativas e procura soluções para rentabilizar e preservar o imóvel, estando totalmente receptivo a propostas direccionadas para a sua reabilitação". Apesar de agora não ser possível uma candidatura a fundos comunitários, "a câmara está a elaborar o projecto por forma que, havendo possibilidade de recorrer a fundos de apoio, este projecto possa ser objecto de candidatura", explica Nuno Maurício.

MARINA MARQUES



PATRIMÓNIO



CONVENTO DO ESPINHEIRO

Antigo convento do século XV, considerado Património Mundial, foi transformado hotel de cinco estrelas. Situado a quatro quilómetros do centro de Évora, cidade classificada como Património da Humanidade pela UNESCO, manteve a traça do edifício original.



ÉVORA

LOCALIZAÇÃO
Distrito de ÉvoraFESTAS
Festa de Nossa
Senhora das BrotasGASTRONOMIA
Migas à alentejanaRESTAURANTES
FialhoPONTOS DE INTERESSE
Templo de Diana,
Praça do GiraldoClausura criativa
no Convento
da Saudação

Espaço de clausura entregue no início do século XVI por D. Manuel I à ordem dominicana, o Convento da Saudação, junto ao Castelo de Montemor-o-Novo, é agora refúgio criativo para um projecto cultural dirigido pelo coreógrafo Rui Horta. O Espaço do Tempo, cuja actividade se iniciou em 2000, foi palco para a realização de centenas de espectáculos e muitas dezenas de residências artísticas, tanto de criadores nacionais como estrangeiros, apesar da degradação que afecta partes do edifício.

Uma das virtudes da estrutura criada por Rui Horta – e aberta ao teatro, dança, artes plásticas, arquitectura e todas as outras disciplinas culturais – foi conseguir inverter a regra segundo a qual se recupera primeiro o património para depois se justificar a sua utilização. Mesmo a necessidade de obras, cuja realização foi prometida por diversos ministros da Cultura, o convento transformou-se numa “incubadora de talentos” (a expressão foi usada por Cavaco Silva) e num factor de desenvolvimento cultural e económico da cidade, contribuindo para dinamizar

Convento
dos Beatos

Século XV.
Ordem dominicana.
Parte é utilizada pelo projecto cultural O Espaço do Tempo

comércio e restauração. “Há zonas do convento que foram recuperadas e adaptadas a novas funções e outras que estão encerradas por não reunirem condições de segurança”, diz Susana Nunes, do Projecto Ruínas, associação cultural com sede em Montemor-o-Novo e que já realizou diversos espectáculos no Convento e na Igreja de S. Francisco, outro monumento quinhentista que se encontra abandonado. A associação começou por desenvolver projectos de teatro e

artes plásticas pensados para espaços em ruínas seleccionados pelas suas características cénicas, “com a intenção de os devolver às populações e de promover um debate sobre o seu futuro na comunidade”. O que obriga a um esforço acrescido, dada a inexistência de condições técnicas mínimas. Classificado como Monumento Nacional, o Convento da Saudação foi deixado ao abandono há 50 anos, quando encerrou o asilo que ali funcionava depois da saída das religiosas da ordem dominicana em finais do século XIX.

LUIÍS MANETA

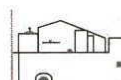


NUNO PINTO FERNANDES/GLOBALIMAGENS

Paço onde ‘nasceram’ as
ilhas continua abandonado

“Se entrasse em obras no próximo ano, já seria uma grande vitória.” O desabafo, do vereador da Cultura na Câmara Municipal de Viana, João Pereira, espelha o desalento, mas também a esperança, de quem assiste há mais de 30 anos à acentuada degradação do Paço dos Henriques, em Alcáçovas, um dos locais-chave para a história dos Descobrimentos portugueses. Foi neste local que em 1479 D. Afonso V recebeu uma embaixada dos reis católicos (Isabel I de Castela e Fernando II de

Aragão) para assinar um tratado através do qual Portugal viu reconhecido o seu domínio sobre os arquipélagos da Madeira, Açores e Cabo Verde, ficando Castela com as Canárias e renunciando a navegar para sul do cabo Bojador. Local de residência dos Henriques de Trastâmara, “senhores” das Alcáçovas, o Paço perdeu a função residencial por alturas do 25 de Abril, tendo acolhido uma escola e uma cooperativa agrícola antes de ser integrado no património do Estado e deixado ao abandono. Os sinais de ruína são evidentes em todo o edifício, em particular no torreão que ameaça

Paço dos
Henriques

Século XIII.
Estilo gótico.
Local onde foi assinado o Tratado de Alcáçovas, em 1479

desmoronar. “Uma tristeza”, dizem as gentes da terra, que viram “desaparecer” os azulejos e as conchas que deram nome ao jardim deste monumento fundado no século XIII.

Segundo João Pereira, a autarquia e a Direcção-Geral do Tesouro já chegaram a acordo quanto à cedência do imóvel ao município por um prazo de 20 anos. “Sem isso, estamos impossibilitados de fazer ali qualquer intervenção.” Mas o contrato continua por assinar. Assim como não é certa a

obtenção de fundos comunitários para as obras, orçadas em 2,5 milhões de euros. Ou seja, contrariamente às previsões avançadas ao DN em 2010 pela Direcção Regional de Cultura do Alentejo, as obras de restauro não se irão iniciar em 2011. Nem sequer é possível saber se existirão condições para as fazer. “Como temos capacidade de endividamento, se a candidatura a fundos comunitários for aprovada, poderemos ir à banca buscar financiamento para a contrapartida nacional. Se as regras mudarem, não teremos dinheiro para o fazer”, refere o autarca.

LUIÍS MANETA

INVESTIGAÇÃO

PALÁCIO DE ESTÓI

A partir de um projecto da responsabilidade do arquitecto Gonçalo Byrne, a Pousada de Faro, da Enatur, encontra-se instalada num recuperado palácio do século XVIII. Situado a dez quilómetros de Faro, foi comprado pela câmara em 1987, e abriu as portas em 2009.



CONJUNTO DA HORTA DO OURIVES

Solar setecentista, em vias de classificação, situado à saída de Faro, em direcção a Lagos. A Casa Nobre, restaurada pela Câmara Municipal de Faro em 2006, é hoje um espaço de cultura, gerido pelo Teatro Municipal de Faro, e mostra como é uma verdadeira horta algarvia.

AMANHÃ

Guarda, Leiria, Lisboa, Portalegre e Porto

FARO



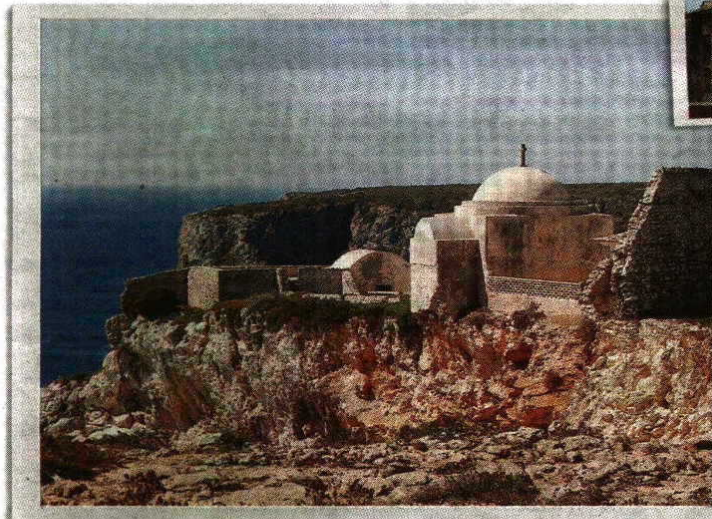
LOCALIZAÇÃO
Distrito de Faro

FESTAS
Festas da ria Formosa

GASTRONOMIA
Xarém

RESTAURANTES
A Eira do Mel (Vila do Bispo)

PONTOS DE INTERESSE
Ruínas romanas de Milreu



ARQUIVO CMP/FILIFE DE PALMA

Um forte destruído por piratas e pelo abandono

Foi Francis Drake, corsário armado cavaleiro pela rainha Isabel I de Inglaterra, quem primeiro mandou abaixo o Forte de Santo António do Beliche, em Vila Bispo. Corria o ano de 1587. O forte, mandado construir por D. Henrique para defesa e controlo da costa, ficou praticamente destruído, sendo novamente erguido cerca de cinco décadas depois. A sua principal função era evitar o desembarque dos piratas e proteger os pescadores da região.

O terramoto de 1755 voltou a provocar desabamentos, tal como um sismo em 1969. "O espaço tem vindo a degradar-se de ano para ano, já foi vandalizado e está completamente desprezado. Quando um edifício não é ocupado, acentua-se a sua degradação", diz o presidente da Câmara Municipal de Vila do Bispo, Adelino Soares.

Uma das zonas mais preocupantes é a da capela que há vários anos corre risco de derrocar pela falésia, o que obrigou à retirada do retábulo. "Todo o resto encontra-se sobre rocha consolidada." Classificado como Imóvel de Interesse Público, o Forte do Beliche encontra-se



Forte do Beliche

Século XV.
Fortaleza militar mandada erigir por D. Henrique. Em risco de cair pela falésia

na alçada do Ministério das Finanças, com quem a autarquia tem vindo a negociar um contrato de cedência pelo prazo de 20 anos.

"Já que ninguém faz nada com o edifício, ao menos que nos permitam tomar conta dele e tentar resolver os problemas que existem", acrescenta Adelino Soares, reconhecendo que o processo "não tem sido fácil" — estão a ser negociados os termos do contrato. O objectivo é criar condições para que o espaço seja "frequentado", tanto

mais que se encontra junto à única estrada de acesso ao cabo de São Vicente, um dos locais mais visitados do País. "Ao investir neste local estaremos a valorizar o património do município e poderemos vir a obter alguma receita que permita ressarcir esse investimento." No interior do forte, a que se acede por uma escadaria e ponte levadiça, encontram-se uma capela e antigos alojamentos da guarnição militar, recuperados em meados do século XX e adaptados a pousada, que ali funcionou. O acesso ao mar é feito através de uma escadaria na falésia.

LUÍS MANETA

Convento de S. Francisco aguarda recuperação

Falhadas as negociações com os proprietários do Convento de São Francisco, um monumento do século XVI em estado de ruína, a Câmara Municipal de Portimão decidiu avançar com o processo de expropriação. A ideia seria recuperar o imóvel e fazer as obras necessárias para ali instalar um centro de investigação e formação avançada em turismo, numa colaboração entre o município e o Turismo de Portugal. O projecto foi apresentado em 2008 pelo então ministro da Economia, Manuel Pinho, já depois de aprovado um Plano de Pormenor para a zona. Passados três anos, a única coisa que avançou foi a degradação do edifício. Isto porque surgiu um impedimento legal para o desfecho do processo: "Como se trata de um imóvel classificado a nível nacional, não temos competência para avançar com a expropriação", explica fonte da autarquia, reafirmando a "vontade" do município para que o convento volte a recuperar o seu esplendor. Segundo Igespar, o Convento de São Francisco de Portimão foi fundado em 1530, ano em que Simão Correia, capitão



Convento de São Francisco

Século XVI.
Estilo gótico. Existe projecto para o utilizar como centro de formação em turismo

de Azamor e figura importante do Algarve quinhentista, doou umas casas junto ao rio Arade aos Padres Observantes da Província de Portugal.

"A história do Convento de Nossa Senhora da Esperança de Portimão, nos últimos séculos, é a história de decadência de uma das mais importantes casas espirituais do Algarve da época moderna, e da sua ruína." O terramoto de 1755 provocou a derrocada da abóbada da igreja e de diversas dependências. A extinção das ordens

religiosas em 1834 retirou-lhe a função inicial. Um incêndio, em 1884, acentuou a destruição, para a qual também contribuiu a posterior utilização do espaço como armazém da indústria conserveira. "Tudo aquilo são ruínas numa zona privilegiada sobre o rio Arade", lamenta João Caldas Fernandes, director da Escola de Hotelaria e Turismo de Faro, revelando que a recuperação do antigo convento permitiria "abrir naquele espaço um hotel de aplicação [para a formação prática dos alunos] com capacidade de gerar receitas".

LUÍS MANETA

